

RESENHA

FALCON, F. J. Calazans. *História Cultural. Uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2002, 118p.

A História Cultural: métodos e definições

Diogo Roiz*

Tornou-se corriqueira a afirmação de que houve uma reviravolta nos estudos históricos, a partir dos anos de 1960, culminando numa completa reformulação das abordagens, ou seja, dos enfoques econômicos e sociais em direção à ‘Nova História Cultural’.

O novo livro de Francisco José Calazans Falcon demonstra o alcance e os limites da afirmação acima. O texto *História Cultural* foi dividido em cinco capítulos, nos quais o autor analisa a historiografia contemporânea e a problemática de seus campos de pesquisa, logo em seguida verifica o campo problemático da história da cultura, com vistas a pontuar as diferenças entre a História da Cultura e a História Cultural. Observa em seguida suas interações e deficiências e, por fim, avalia as inovações e os limites da História Cultural.

Para ele o prestígio atingido pela História Cultural é um fato bastante recente, mas enquanto campo de investigação ela é proveniente do século XIX: “novo, neste caso (...) é o processo, ainda em curso, de redefinição dessa História e das suas relações com a História Social”. Para este, data dos anos de 1970, com o crescimento do número de pesquisas, e pelo prestígio então alcançado pela História das Mentalidades o aparecimento de ‘novos’ temas culturais, e que “passavam a ser objeto de investigação histórica, simultaneamente à divulgação de abordagens e concepções teóricas distintas da tradicional História da Cultura” (2002, p. 12).

Analisa a proximidade de desenvolvimento entre a História Cultural e a História Social, ainda que suas trajetórias sejam distintas. Houve oscilações conceituais para ambos os campos. Segundo o autor, trata-se “portanto de tentar perceber as implicações historiográficas dessa espécie de jogo terminológico/conceitual onde os historiadores se habituaram a referir-se a ‘o social’, ‘o econômico’, ‘o político’ e ‘o cultural’ como se cada um destes constituísse de fato uma *região ou dimensão do real* cujas expressões disciplinares deveriam ser, na história, a *História Social*, a *História Econômica* (...) sem que se saiba ao certo se tal compartimentação disciplinar pode/deve pressupor ou não uma definição de métodos, objetos e abordagens específicos” (2002, p. 14). Essas são questões que demonstrariam, segundo o autor, certas conexões entre o social e o cultural, reveladas mais diretamente quando se verifica conceitos e processos como o de representação, a linguagem, ou mesmo no discurso, ou no texto.

Para ele, muito embora existam proximidades entre o social e o cultural, a “história da História tem demonstrado (...) a especificidade da História Cultural, ou seja, a dificuldade ou mesmo a inviabilidade de pensá-la ainda em termos dos esquemas tradicionais que legitimaram, e ainda legitimam, a maior parte das disciplinas históricas” (2002, p. 79). Indica que esta não é umas das muitas outras “disciplinas históricas especializadas e definidas em função das respectivas temáticas” nem é um “certo tipo de enfoque ou de abordagem” ou ainda um espaço distinto em termos hierárquicos, definido em termos de relações com outros espaços do ‘real’.

Por fim, o autor observa que é um setor ainda pouco desenvolvido teórica e metodologicamente, muito embora esteja no centro das atenções “prejudicado pela divisão mais antiga e inabalável entre as disciplinas academicamente institucionalizadas” (2002, p. 103). Por outro lado, segundo ele, a noção de cultura ainda é pouco operacional, e as relações da história cultural com a antropologia caracterizariam, antes que suas deficiências, o seu caráter pluridisciplinar.

Ao final da leitura, fica-se instigado a se conhecer com maiores detalhes a *história da história cultural*, seus principais interlocutores e suas pesquisas. Todavia, convém ressaltar que este não é um livro para principiantes. Embora possua uma abordagem didática do tema, seja muito bem escrito e detalhado, o autor o escreveu para um público de iniciados no assunto. Quase sempre, indica um autor, mas não a obra que está comentando, e as vezes faz a indicação, mas sem referências as páginas, obrigando ao leitor antecipadamente conhecer os autores discutidos e as referências. A própria coleção só inclui as notas ao final do texto, sem o complemento das referências bibliográficas, onde provavelmente constariam os títulos comentados, mas não indicados no texto ou nas notas.

Recebido em: 06/07/2006

Aceito em: 10/08/2006

*Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), unidade de Amambai. Coordenador do curso de História. Mestre em História pela Unesp, Campus de Franca.